

Relatório de pesquisa

Teologia da comunidade abundante: em busca da sustentabilidade ambiental e econômica (SAE)

Versão resumida | Agosto de 2022



tearfund

Agradecimentos

Autor: Dr. Justin Thacker

Responsáveis pela pesquisa: Clark Buys e María Andrade

Responsável pela redação: Matt Little

Responsável pela criação: Charlene Hayden

Tradução: João Martínez da Cruz

Revisão: Miriam Machado

Design: www.wingfinger.co.uk

Este relatório é o resultado de um longo processo de consultas encomendadas pela Tearfund na África, na Ásia, na América Latina e no assim chamado “Norte Global” em torno da teologia da sustentabilidade ambiental e econômica. Como tal, ele se baseia na contribuição de inúmeros teólogos, pensadores, escritores e profissionais de diversos países ao redor do mundo.

Expressamos os nossos agradecimentos aos muitos funcionários da Tearfund (antigos e atuais), organizações parceiras, aliados de igrejas, consultores e participantes das consultas que contribuíram para esse processo de pesquisa. Suas reflexões criteriosas nos ajudaram a resgatar ideias, perspectivas e sugestões de ações importantes.

Somos particularmente gratos àqueles que facilitaram as consultas e elaboraram os relatórios regionais: Pilar Euribe, Valerie Anderson, Graham McGeoch, Samuel Saxena, a equipe da Theos (incluindo Madeleine Pennington, Natan Mladin e Simon Perfect) e Justin Thacker.

Somos também gratos a outras pessoas que desempenharam papéis significativos nesse longo processo de pesquisa, incluindo Jo Herbert-James, Hannah Swithinbank e Ruth Valerio.

Imagem da capa: Moradores da comunidade de Palung, no Nepal, beneficiados pelo reservatório de água que construíram. Foto: Matthew Joseph/Tearfund

© Tearfund 2022

Qualquer parte deste relatório pode ser copiada, reproduzida ou adaptada por pessoas individuais como parte de seu próprio trabalho ou para fins de treinamento, desde que as partes reproduzidas não sejam distribuídas com fins lucrativos e que o crédito seja dado à Tearfund. Ao citar esta versão do relatório, refira-se a ela como “*Teologia da comunidade abundante: em busca da sustentabilidade ambiental e econômica (SAE) - Versão resumida*”. Todas as fotos devem ser creditadas à Tearfund. Para outros usos do material, incluindo a reprodução de imagens em outros contextos, deve-se obter a permissão da Tearfund.

Ficaremos agradecidos em receber seu feedback sobre nossas publicações e em saber como você está utilizando este recurso. Entre em contato conosco, utilizando os dados a seguir.

Publicado pela Tearfund. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente nº 265464 na Inglaterra e no País de Gales e nº SC037624 na Escócia.

A Tearfund é uma entidade cristã sem fins lucrativos determinada a ver a eliminação da pobreza extrema e da injustiça. Mobilizamos comunidades e igrejas em todo o mundo a fim de ajudar a garantir que todas as pessoas tenham a oportunidade de alcançar o potencial que lhes foi dado por Deus.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

+44 (0)20 3906 3906

publications@tearfund.org

learn.tearfund.org

tearfund

Conteúdo

1. Introdução	3	4.4 Uma comunidade abundante	18
1.1 Comunidades abundantes	3	4.4.1 Para as pessoas:	18
2. Teologia ambiental	4	4.4.2 Para as igrejas:	19
2.1 Teologia do domínio	4	4.4.3 Para o setor comercial:	20
2.1.1 Teologia do serviço	4	4.4.4 Para os governos:	20
2.2 Egocêntrico, ecocêntrico ou teocêntrico	5	4.4.5 Para a Tearfund:	20
2.2.1 Egocêntrico	5	5. Conclusão	21
2.2.2 Ecocêntrico	5	6. Bibliografia	22
2.2.3 Teocêntrico	5	6.1 Documentos da Tearfund	22
2.2.4 Mordomia	6	6.2 Obras gerais citadas	22
2.2.5 Espiritualidades indígenas relacionadas à criação	6	6.3 Websites:	23
3. Teologia econômica	8		
3.1 Capitalismo e cristianismo	8		
3.1.1 Mensuração do crescimento	8		
3.1.2 O bem e o mal do capitalismo	9		
3.1.3 A teologia da generosidade	9		
3.1.4 Pobreza e desigualdade	10		
3.1.5 Trabalho	10		
3.1.6 Ecologia integral	11		
3.1.7 Caridade versus justiça	11		
4. Comunidade abundante	12		
4.1 Quem sou eu?	12		
4.1.1 Pânico na comunidade	12		
4.1.2 Suficiente é o suficiente	12		
4.2 Uma antropologia relacional	12		
4.2.1 Ubuntu e viver bem	12		
4.2.2 “Somos um”	14		
4.2.3 O Espírito de uma casa compartilhada	14		
4.3 A teologia da escassez e a teologia da abundância	15		
4.3.1 As raízes da escassez	15		
4.3.2 Escassez e caridade	15		
4.3.3 A abundância bíblica	15		
4.3.4 Ganância humana	16		
4.3.5 Dar o que se deve	17		
4.3.6 Compartilhamento global	18		

1. Introdução



❏ **Membros da comunidade Nhanzeco, em Moçambique, trabalham em seus campos. Eles foram treinados nas seguintes temáticas: transformação de igrejas e comunidades, grupos de autoajuda, agricultura de conservação, nutrição, saneamento e *advocacy* relacionado ao direito à terra e conservação ambiental. Foto: Kylie Scott/Tearfund**

1.1 Comunidades abundantes

Qual é a expectativa de Deus sobre como os seres humanos devem viver em relação ao resto da criação? Essa pergunta está no cerne deste relatório. A resposta que sugerimos é encontrada no conceito de comunidades abundantes. Em tais comunidades, uma identidade relacional substitui a mentalidade individualista, egoísta e gananciosa que está empobrecendo muitos povos e comunidades e destruindo o planeta. Nossa proposta é que, se realmente quisermos resolver os desafios globais que enfrentamos, precisamos de um tipo de nova compreensão não apenas a respeito da humanidade, mas de todo o cosmos.

Chegamos a essa conclusão porque ouvimos, acima de tudo, as vozes e a sabedoria de teólogos/as e ativistas de diferentes partes do Sul Global¹, muitos dos quais estão fazendo tudo o que podem para salvar a Terra que amam. Uma ênfase especial em suas inquietações é importante – em parte, porque suas vozes têm sido frequentemente marginalizadas, e até demonizadas, nas discussões sobre tais assuntos, mas também porque o tópico em

consideração é de preocupação imediata e prática para aqueles que vivem no Sul Global, de uma maneira distinta do que para os que vivem em regiões mais abastadas no mundo.²

O que ouvimos durante a consulta é que na raiz de muitas das crises ambientais e econômicas que enfrentamos está uma compreensão inadequada do que significa ser humano e de qual deve ser nossa relação com o resto da criação. No lugar dela, precisamos de uma nova antropologia, de uma nova compreensão da nossa natureza humana e de uma nova visão da vida que nos rodeia. É essa nova abordagem que descrevemos no conceito de “comunidades abundantes”.

Portanto, este relatório³ não tem a intenção de registrar tudo o que poderia ou deveria ser dito sobre a teologia da sustentabilidade ambiental e econômica (SAE). Em vez disso, focalizamos os temas e questões que foram levantados especialmente pelas nossas organizações parceiras no Sul Global. Começamos com um resumo de como podemos compreender as teologias ambientais e econômicas.⁴

1 Consulte Thacker, 2022, *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)* para obter uma versão mais longa, detalhada e acadêmica deste relatório.

2 Não existe um termo perfeito para representar as regiões do mundo onde a pobreza e a destruição ambiental são mais aparentes. “Sul Global” e “Norte Global” são utilizados ao longo deste relatório, mas reconhecemos que tais termos não podem ser definidos com precisão e certamente não se destinam a oferecer uma definição geográfica simplista. A Austrália, por exemplo, não faz parte do Sul Global.

3 O relatório completo foi elaborado para a Tearfund pelo Dr. Justin Thacker. Consulte Thacker, 2022, *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)*, Teddington, Tearfund.

4 É importante reconhecer que, embora a teologia possa nos indicar a direção que devemos seguir, ela não pode fornecer respostas específicas para cada pergunta referente a políticas que possamos ter diante de nós. Por exemplo, a teologia pode indicar que os governos dos países ricos devem prestar apoio aos países de baixa renda, mas não se esse apoio deve ser de 0,5%, 0,7% ou 1% do PIB. Isso deve ser levado em conta ao se ler este relatório. Ele estabelece os fundamentos teológicos para uma resposta à SAE, mas não sinaliza necessariamente cada resposta política específica necessária.

2. Teologia ambiental

Os principais desafios enfrentados por muitos no Sul Global são a luta diária para alimentar a si mesmos e suas famílias, bem como encontrar trabalho, ter condições de pagar pela educação e saúde e viver em paz e segurança. É imperativo que abordemos essas inquietações práticas. Entretanto, como todos esses desafios são fortemente impactados pela forma como tratamos o meio ambiente, começamos considerando o impacto que nosso comportamento ecológico tem tido sobre a vida e a subsistência de muitos.

2.1 Teologia do domínio

As relações humanas com a criação não humana estão profundamente prejudicadas. Como parte da industrialização e do crescimento econômico, nós possuímos, controlamos e exploramos o mundo do qual fazemos parte, destruindo-o (e a nós mesmos) pouco a pouco. O resumo a seguir, proveniente da região do Chaco Salteño, no norte da Argentina, fornece um exemplo da íntima conexão entre a violência ecológica, social, econômica e política:

“Desde o início dos anos 1990, um modelo agrícola destinado a produzir soja em grande escala, dependente de capital transnacional, tem sido aplicado em grandes partes da zona rural na América Latina e, em particular, na Argentina. Esse processo gera consequências negativas nos campos ecológico, social, econômico e político. No campo ecológico, os ecossistemas têm sido alterados, facilitando a incidência de novas pragas e doenças. No campo social, os lucros dos grupos empresariais aumentaram, enquanto os agricultores perderam terra e trabalho (maior pobreza e exclusão). No campo econômico, formaram-se ‘economias de enclave’, baseadas em meganegócios e no capital orientado para os mercados estrangeiros, sem nenhum efeito no desenvolvimento rural local.”⁵

A teologia do domínio tem frequentemente servido de justificativa para esse tipo de relação de exploração. Lynn White, historiador americano amplamente conhecido por ter apresentado essa argumentação nos anos 1960 e culpado essencialmente o cristianismo por estar “na raiz da nossa crise ecológica”, argumentou que nossa teologia justificava uma abordagem hierárquica em relação à natureza, na qual os seres humanos estavam separados e acima do

“Ao representarmos Deus perante o mundo, ao agirmos como seus embaixadores no mundo, nosso papel nunca é dominar, mas sim servir com justiça, retidão e, acima de tudo, amor.”

resto da criação, e que podíamos usar a criação da maneira que quiséssemos.⁶ Essa abordagem ficou conhecida como antropocentrismo: a colocação do ser humano (e, muitas vezes, do homem) no centro do nosso pensamento. As origens bíblicas dessa teologia do “domínio” podem ser encontradas na maneira como Gênesis 1 e o Salmo 8 foram traduzidos e interpretados, especialmente no que diz respeito ao uso dos termos “domínio” e “subjugação” (Gênesis 1:26, Gênesis 1:28 e Salmo 8:6-8).⁷

2.1.1 Teologia do serviço

Entretanto, um princípio central da interpretação bíblica é que não devemos tirar um único versículo de seu contexto e aplicá-lo de forma universal. Ao contrário, devemos considerar a Bíblia como um todo e interpretar trecho por trecho das Escrituras, a partir do nosso contexto social particular, sob a influência do Espírito Santo. Quando fazemos isso, Gênesis 2:15 não apenas nos ajuda a compreender que o “domínio” mencionado em Gênesis 1 é, na verdade, uma responsabilidade de cuidar, preservar e zelar, em vez de uma tarefa de exploração, mas também torna clara a descrição bíblica reiterada das características do “Rei” ou do “portador da imagem de Deus” ideal. Ao representarmos Deus perante o mundo, ao agirmos como seus embaixadores no mundo, nosso papel nunca é dominar, mas sim servir com justiça, retidão e, acima de tudo, amor (Salmo 72:1-6 e Salmo 145). Somos os representantes de Deus na Terra e nossa função é facilitar o florescimento de todos os seres humanos, possibilitando o florescimento do resto da criação. É dessa forma, e somente por meio dela, que “governamos”. Em seu livro *Saying Yes to Life*, a Dra. Ruth Valerio⁸ diz o seguinte (em tradução livre): “Deus espera que seus governantes sejam diferentes, que sejam governantes servis que exercem domínio com amor e compaixão, trabalhando em prol da justiça e contra a opressão (Provérbios 31:4-9)”.⁹

5 Euribe, p. 87, 2020

6 White, p. 1203-1207, 1967

7 Para saber mais sobre como esses versículos foram mal interpretados, consulte Thacker, seção 2.1.1, 2022.

8 Ruth Valerio, diretora de Advocacy e Influência em nível Global da Tearfund

9 Valerio, p. 157, 2020



2.2 Egocêntrico, ecocêntrico ou teocêntrico

Três marcos conceituais principais têm sido usados para descrever a relação da humanidade com o meio ambiente.

2.2.1 Egocêntrico

Resume-se nesta imagem, na qual um homem é mostrado como estando acima tanto das mulheres quanto do resto da criação.¹⁰ Em todo o Sul Global, teólogos e teólogas ecofeministas têm lembrado a todos nós como a exploração e a dominação da mulher tem acontecido paralelamente à exploração e dominação do planeta. Blanca Cortés, teóloga nicaraguense, por exemplo, escreve (em tradução livre): “Depois de terem sido fontes de vida – tanto as mulheres quanto a Terra – passaram a ser consideradas recursos a serem utilizados e abusados conforme os desejos da estrutura de poder”.¹¹ Como tal, essa visão egocêntrica (ou antropocêntrica) deve ser imediatamente rejeitada como sendo completamente antibíblica.

2.2.2 Ecocêntrico

Ao mesmo tempo, também é possível criticar uma segunda abordagem que continua sendo muito popular entre alguns ambientalistas cristãos. Em sua melhor forma, esse conceito ecocêntrico (ou biocêntrico) simplesmente nos lembra de que, enquanto seres humanos, não somos completamente distintos da criação mas, de fato, fazemos parte da natureza. Se isso é tudo que está sendo afirmado, então essa abordagem certamente pode ser acolhida. No entanto, também acontece que, às vezes, essa visão nega inteiramente qualquer distinção entre os seres humanos e

o resto da criação e sugere que tudo que é necessário para resolvermos a crise ambiental é um retorno à crença de que somos simplesmente animais. O problema com tal modelo é que ele corre o risco de deixar Deus completamente de fora e, assim, distorcer o papel que nos foi entregue por Deus dentro da criação.

2.2.3 Teocêntrico

Em contraste, o terceiro modelo, que é mais coerente com a nossa compreensão sobre discipulado cristão, é o assim chamado conceito teocêntrico, no qual somos chamados a compreender a nós mesmos, o resto da criação e nosso relacionamento com a criação à luz do nosso relacionamento com Deus. A distinção particular do modelo teocêntrico é que ele não sugere que podemos resolver a crise ambiental simplesmente prestando atenção a como nos relacionamos com o resto da criação; ele enfatiza que nosso relacionamento com Deus precisa orientar a maneira como cuidamos do meio ambiente. É isso que esta imagem procura mostrar. Os seres humanos são mostrados como iguais uns perante os outros e no fundo de um coração de amor (simbolizando Deus), porque seu relacionamento com o resto da criação pretende ser um relacionamento de amor, cuidado e serviço, motivado pelo amor de Deus.¹²

Diante disso, reconhecemos que o nosso cuidado com a criação pode ser motivado por uma série de preocupações teológicas. Na caixa encontrada na próxima página, listamos muitas das razões pelas quais devemos amar o mundo que Deus criou. Nossa sugestão é que todas elas, de diferentes maneiras, podem fazer parte de uma teologia da criação completa, mas que nossa ênfase deve permanecer na primeira categoria (amor, adoração, reverência e obediência a Deus) como base para todas as demais. Isso é o que se entende por uma teologia teocêntrica da criação.

10 Dave Bookless, A Rocha International, www.arocha.org – a fonte original da imagem é desconhecida. Disponível em: <https://blog.arocha.org/en/noah-beyond-the-blockbuster/>

11 Cortés, citado em Thacker, seção 2.1.1, 2022. Essa seção também discute a interseção de gênero e justiça climática mais detalhadamente.

12 Para saber mais sobre o marco teocêntrico, consulte Thacker, 2022, *Environmental*, seção 2.1.3.

Devemos cuidar da criação...

- 1. Por amor, adoração, reverência e obediência a Deus**
 - a. Porque toda a criação é criação de Deus;
 - b. Porque Deus mandou que cuidássemos dela;
 - c. Porque Jesus se preocupa com a criação;
 - d. Porque o cuidado com a criação reflete o caráter de Deus. Deus ama a sua criação;
 - e. Porque Deus nos mandou amar o nosso próximo e o fato de cuidarmos da criação ajuda a preservar a vida e os meios de subsistência de outros seres humanos;
 - f. Porque a criação é uma dádiva de Deus para nós e, por isso, nós nos preocupamos com ela por gratidão/louvor pelo que Deus nos proporcionou;
 - g. Porque cuidar da criação faz parte da missão de Deus e, de fato, tem benefícios evangelísticos.
- 2. Por nosso próprio interesse**
 - a. Porque a poluição e a mudança climática são ruins para a nossa própria saúde (humana) e subsistência. Nesse sentido, um compromisso ecológico pode ser um veículo para o desenvolvimento econômico sustentável;
 - b. Porque a ganância e o consumismo (uma teologia de dominação/exploração) são ruins para a nossa saúde espiritual e representam uma forma de idolatria;
 - c. Porque o resto da criação nos responsabiliza pelo que temos feito, enquanto seres humanos.
- 3. Por um respeito/cuidado/amor intrínseco pelo resto da criação**
 - a. Porque toda a criação é espiritual/sagrada e é como a impressão digital de Deus;
 - b. Porque a achamos bela e queremos preservá-la por conta de sua beleza e majestade;
 - c. Porque a criação tem um valor inerente que deve ser valorizado por seu próprio mérito intrínseco. Nós amamos as árvores, as pradarias e as baleias simplesmente pelo que são.
- 4. Por conta de uma compreensão diferente da nossa identidade, com respeito pelo resto da criação**
 - a. Porque, como portadores da imagem de Deus, temos a responsabilidade e o privilégio de cuidar da criação;
 - b. Porque fazemos parte da própria criação, somos um com a criação, uma comunidade inteira de criação;
 - c. Porque a criação louva a Deus, e nós nos unimos a esse coro cósmico ao nos preocuparmos com o resto dela;
 - d. Porque a própria criação é o nosso próximo (estendendo-se, às vezes, à ideia de que é nossa mãe/irmã) e, portanto, o amor ao próximo inclui o amor à criação não humana.

2.2.4 Mordomia¹³

Um termo particular frequentemente usado para resumir essa abordagem teocêntrica é “mordomia”. Em todo o Sul Global, essa parece ser a palavra mais comumente usada para descrever a nossa relação com a criação não humana. Para muitos autores do Sul Global, o termo transmite uma atitude de servir e, por isso, dizer que somos “mordomos” da criação significa dizer que servimos a criação e cuidamos dela da mesma forma que um mordomo (criado) cuida dos donos da casa. Dessa maneira, o conceito também indica que não somos os donos da criação, mas que estamos sob a autoridade de outro ser (Deus) e que a nossa incumbência é cuidar, servir e proteger. Em contraste a isso, alguns autores do Norte Global temem que o termo “mordomia” implique uma hierarquia de gestão que tende para o modelo antropocêntrico já criticado. Por essa razão, propomos que a frase seja usada onde o contexto linguístico e cultural

for um contexto no qual a mordomia é compreendida principalmente como serviço e cuidado, em vez de gestão.¹⁴

2.2.5 Espiritualidades indígenas relacionadas à criação

Paralelamente a isso, também precisamos reconhecer a reivindicação de alguns de que devemos prestar muito mais atenção às espiritualidades da criação provenientes das comunidades indígenas, que enfatizam a sacralidade da criação. Certamente, todos nós temos muito a aprender com tais espiritualidades, na medida em que elas incorporam uma resposta mais cuidadosa e centrada na Terra ao resto da criação. Por exemplo:

“O povo gunadule tem lugares sagrados que se chamam galu. Quando as pessoas entram nesses espaços, devem fazê-lo em silêncio e dirigir suas orações a BabaNana

¹³ Isso não quer dizer que a criação não humana tenha exatamente o mesmo status que a humanidade. Em vez disso, estamos usando o conceito de “próximo” de forma antropomórfica, assim como foi feito em Isaías 55:12. Portanto, a afirmação é simplesmente que amamos o resto da criação da mesma forma que amamos o nosso próximo humano – não que não exista distinção alguma entre os dois.

¹⁴ Thacker, seção 2.1.4, 2022

(Deus).¹⁵ Ao cortar uma planta, em um ato de respeito, os médicos *gunadules* (ou *nergans*) pedem permissão e pedem a Deus que a planta possa ser usada para dar saúde a alguém. Ter lugares sagrados favorece a reprodução e a caça sustentável de animais. Em Gangandí, algumas figueiras que crescem nas margens do rio são consideradas sagradas e não podem ser cortadas. Suas folhas e frutos são alimentos para as iguanas, que fazem parte da dieta dos *gunadules*. Em Gangandí, não é permitido comer a carne de animais selvagens, o que também ajuda a evitar a exploração excessiva”.¹⁶

Ao observarmos isso, é importante fazer uma distinção entre a sacralidade da criação que afirmamos e a divinização da criação (ou seja, considerar a criação igual a Deus) – algo que não aceitamos. É perfeitamente apropriado dizer que toda a criação é sagrada, e até espiritual, se o que queremos dizer com isso é que a natureza reflete a obra das mãos de Deus, que ela louva a Deus por meio do que ela é e que ela é criada pelo Espírito de Deus. Devemos nos considerar parte da comunidade da criação, que coletivamente glorifica a Deus, e, nesse sentido, não há distinção entre nós e o resto da criação. No entanto, ao mesmo tempo, também precisamos afirmar que apenas os seres humanos foram criados à imagem de Deus e que esse status nos confere um papel funcional diferente. Em nada contribuímos ao mundo se ignorarmos as responsabilidades particulares que Deus nos deu como guardiões (custodiantes) da criação. Além disso, precisamos reconhecer as críticas feitas em relação às espiritualidades indígenas por alguns teólogos da Ásia que têm apontado para o fato de que o culto à criação não

tem levado à proteção ambiental que poderíamos esperar. Vishal e Ruth Mangalwadi escreveram o seguinte (em tradução livre):

“Há uma noção ingênua e equivocada no Ocidente de que a crise ambiental é resultado do desejo humano de dominar a criação. Ao contrário, o fato é que não podemos gerir o meio ambiente a menos que consideremos que somos uma parte integral da criação e, portanto, dependentes dela, e que também estamos acima da criação e, portanto, somos responsáveis por ela. A situação ambiental caótica da Índia, que é muito pior do que nos países ocidentais industrializados, é uma clara indicação de que o culto à natureza prejudica ainda mais a criação do que nossas tentativas de administrá-la”.¹⁷

Dada a realidade da mudança climática, talvez estejamos indo longe demais se dissermos que a adoração da criação causa mais danos do que a dominação antropocêntrica. Entretanto, o que esses autores deixam claro é que a adoração da natureza nem sempre é a panaceia que poderíamos esperar. A ideia que nos resta é que, embora existam algumas espiritualidades indígenas que reflitam nosso mandato bíblico de preservar a criação e cuidar dela – e, portanto, fornecem exemplos fascinantes de como viver com a criação – elas não são necessariamente a resposta final quanto ao que significa viver como representantes de Deus na Terra. Nossa principal preocupação deve ser sempre que nosso relacionamento com Deus e o mandato bíblico orientem o nosso relacionamento com a Terra, pois **o cuidado apropriado da criação não é o resultado da adoração da criação, mas somente da adoração ao criador.**



❏ **Membros de um projeto de empreendedorismo entre mulheres em Cajamarca, no Peru, exibem seus tecidos artesanais tradicionais para serem vendidos no mercado. O projeto visa melhorar o sustento das mulheres nessa comunidade indígena.**
Foto: Maria Andrade/Tearfund

15 As palavras usadas aqui referem-se a Deus como sendo tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino.

16 Euribe, p. 136, 2020

17 Mangalwadi, p. 107-108, 1993

3. Teologia econômica

3.1 Capitalismo e cristianismo

Voltando à esfera econômica, pode ser útil pensar em quatro grandes categorias sobre como podemos refletir a respeito da relação do capitalismo (como sistema econômico dominante) com o cristianismo no contexto da pobreza. Elas são:

1. Aqueles que defendem o capitalismo de livre mercado como o melhor mecanismo para combater a pobreza;
2. Aqueles que defendem a aplicação da ética cristã às práticas comerciais;
3. Aqueles que buscam uma reforma significativa do capitalismo;
4. Aqueles que entendem o capitalismo como algo incompatível com o cristianismo.¹⁸

Não temos necessariamente que escolher entre essas opções, e as três primeiras foram refletidas em diferentes pontos de um relatório publicado pela Tearfund em 2015, intitulado *“Uma economia restauradora”*. Em linhas gerais, esse relatório adotou uma postura relativamente pró-mercado na descrição de como a pobreza global deve ser abordada. Ele afirmou que “os países que melhor se saíram nas duas últimas décadas são aqueles que estabeleceram o ambiente propício para fomentar o crescimento do setor privado”¹⁹ e, portanto, “o primeiro passo para atender às necessidades básicas de todos é que os governos trabalhem com os mercados a fim de criar um contexto no qual as empresas possam florescer”.²⁰ Essa abordagem contrasta fortemente com as observações feitas na América Latina que foram incorporadas nesse relatório a respeito da “destruição do sistema patriarcal capitalista neoliberal, o qual, por meio da sua lógica de mercado e da acumulação e exploração dos recursos produzidos pelos ecossistemas, é responsável pela destruição do planeta”.²¹ Argumentou-se, ainda, que “um mundo alternativo ao capitalismo é possível”.²²

3.1.1 Mensuração do crescimento

Ao buscar uma solução para essa aparente tensão, precisamos nos aprofundar um pouco mais na maneira como definimos a pobreza e, mesmo, o capitalismo, pois se esse reduziu ou não a pobreza depende essencialmente de como compreendemos esses termos. Jayakumar Christian, por exemplo, argumenta que a pobreza tem a ver principalmente com as disparidades relacionais de poder e

não apenas com o nível de bem-estar econômico, medido por meio do PIB per capita.²³ Isso enfatiza uma questão levantada no relatório iniciado pela Tearfund e intitulado *“Abundant Africa”*, ou seja, que precisamos de novas ferramentas de mensuração:

“O PIB leva em conta o valor dos bens e serviços produzidos em um país, portanto, quanto mais, melhor, mesmo que seja à custa da confiança e da coesão social. O PIB mensura a renda, mas não a igualdade, o crescimento ou a destruição e não leva em conta a coesão social, a saúde, a felicidade, a espiritualidade e o meio ambiente”. Além disso, o PIB não costuma levar em conta o trabalho não remunerado (excluindo, portanto, muitas mulheres) e a economia informal, da qual três em cada cinco pessoas em todo o mundo dependem para gerar renda. A mensuração do PIB por si só incentiva a ganância, a desigualdade e a exploração tanto das pessoas quanto do planeta.”²⁴

Em resposta, lançou-se um apelo para que um novo “índice de abundância pessoal” seja desenvolvido no âmbito comunitário, o qual seria uma medida mais holística de bem-estar e que iria além dos estreitos limites de renda e riqueza. Um método alternativo de mensuração que já existe é o “Índice Planeta Feliz”, produzido pela New Economics Foundation. Ele mensura o bem-estar de um país com base nos índices de satisfação de vida autorrelatados (ou seja, o quão felizes as pessoas estão), expectativa de vida, desigualdade de resultados dentro do país e a pegada ecológica média dos seus cidadãos. A organização faz questão de salientar, portanto, que o índice não é uma medida da felicidade dos cidadãos de um país, mas uma medida da “felicidade” do planeta, que inclui o bem-estar dos cidadãos e o bem-estar da Terra.²⁵

Curiosamente, de acordo com esse índice, a Costa Rica tem repetidamente estado no topo do ranking, apesar de ter uma economia que é classificada como apenas de renda média e que representa apenas um quinto da renda média dos EUA. O que é ainda mais marcante no exemplo da Costa Rica é que há evidências de que, quanto mais pobre uma pessoa é, mais feliz ela é e por mais tempo ela vive.²⁶ A razão disso parece ser que, entre as comunidades mais pobres, os laços sociais são muito mais fortes, e laços sociais

“Laços sociais fortes parecem ser mais significativos do que outros fatores para gerar bem-estar e uma vida longa.”

18 Theos, p. 41, 2021

19 Evans e Gower, p. 11, 2015

20 Evans e Gower, p. 40, 2015

21 Euribe, p. 55, 2020

22 Euribe, p. 68, 2020

23 Christian, capítulo 1 e p. 121, 1999

24 Giljam et al., p. 38, 2021

25 Disponível em: <http://happyplanetindex.org/>

26 Marchant, 2013. Consulte também Martínez e Sánchez-Ancochea, 2016

fortes parecem ser mais significativos do que outros fatores para gerar bem-estar e uma vida longa. Tudo isso sugere um modelo no qual uma população pode ser feliz, viver por muito tempo, ter um baixo impacto no meio ambiente e, ainda assim, em termos econômicos, não ser rica. Tais redefinições do que entendemos por riqueza e pobreza são, portanto, importantes, ao considerarmos as afirmações de que somente o capitalismo reduz a pobreza. Ele o faz apenas em relação a uma medida particular de pobreza.

3.1.2 O bem e o mal do capitalismo

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que “capitalismo” não é apenas uma única coisa: certamente ele não deve ser equiparado a um mercado em funcionamento porque os mercados existem desde a antiguidade. A realidade é que o “capitalismo” engloba uma ampla gama de ideias, algumas das quais, sem dúvida, apoiamos, enquanto outras precisam ser rejeitadas. Os aspectos positivos do “capitalismo” incluem a segurança e a estabilidade da propriedade privada; uma força de trabalho com educação e saúde; liberdade empresarial; disponibilidade de capital (dinheiro para investimento) e moedas estáveis, entre outros. Ao mesmo tempo, há elementos que devem ser rejeitados, tal como o foco restrito na obtenção de lucros, vistas grossas às consequências sociais e ambientais de suas atividades, a promoção do desejo e da ganância, o foco no consumo, a busca incessante de crescimento e assim por diante. Isso significa que não precisamos tomar uma decisão a favor ou contra o capitalismo como tal. Podemos simplesmente afirmar que existem objetivos políticos

“O que é necessário é tanto um capitalismo reformado quanto uma medida de progresso reformulada.”

específicos que são bons e que devem ser buscados – por exemplo, uma força de trabalho com saúde e um bom nível de educação – e que também existem outros objetivos que definitivamente devemos evitar – por exemplo, o não enfrentamento das consequências ambientais. Tudo isso significa que o que é necessário é tanto um capitalismo reformado quanto uma medida de progresso reformulada. Portanto, a maior contribuição da teologia não está tanto em especificar as métricas precisas que devem ser usadas, mas em fornecer uma visão do que buscamos alcançar. As próximas seções explicam detalhadamente o conteúdo desse objetivo teológico.

3.1.3 A teologia da generosidade

Kathryn Tanner defende a teologia econômica baseada na graça e na generosidade, fundamentada no caráter e nas relações de Deus com o mundo. A característica central de sua ideia é que, assim como Deus nos deu livremente a nós, nós também devemos dar livremente uns aos outros. Ela chama isso de “economia não competitiva”, na qual tudo o que recebemos pode ser distribuído livremente, sem diminuir de forma alguma nosso próprio status ou bem-estar. Isso contrasta fortemente com uma cultura que não só acumula de maneira egoísta, mas também usa os bens como uma forma de sustentar falsamente o status social.



Os participantes capinam uma horta de demonstração no projeto Farmer Field School, perto da cidade de Warawar, em Aweil, no Sudão do Sul. Por meio de um projeto da Tearfund na região, os agricultores em Warawar receberam sementes melhoradas para culturas como sorgo, soja, gergelim e abóbora. Eles também são ensinados sobre boas práticas agrícolas para melhorar a qualidade e a quantidade de suas culturas na época da colheita. Foto: Will Swanson/Tearfund



📍 Uma das mulheres da comunidade local arruma as margens de um canal de irrigação em um povoado próximo de Nawalparasi, no Nepal. Foto: Chris Hoskins/Tearfund

Ela observa como, em uma economia de generosidade, “os destinatários não retêm esses bens simplesmente para si mesmos, como se tivessem a posse exclusiva, mas os distribuem aos outros de forma muito semelhante a como Deus distribuiu esses bens a eles mesmos em primeiro lugar”.²⁷ À luz do marco conceitual de Tanner, a questão que nos confronta é a seguinte: Quais são os objetivos gerais de política que a teologia econômica da graça poderia criar?²⁸

3.1.4 Pobreza e desigualdade

Há, pelo menos, quatro princípios bíblicos a serem considerados. O primeiro deles é simplesmente que antes que Jesus retorne, a **pobreza** (em todas as suas formas) deve ser reduzida. À luz de numerosos mandamentos bíblicos nesse sentido (Deuteronômio 15:7-11, Gálatas 2:10 e 1 João 3:17), isso nem precisa ser justificado. O segundo é que devemos também buscar uma redução da **desigualdade**. Embora **quase** todos os cristãos concordem que devemos combater a pobreza, é em relação à desigualdade que encontramos discordâncias. Em 1998, um/uma diretor/a executivo/a ganhava, na média, 47 vezes mais do que um/uma trabalhador/a comum. Em 2017, essa quantia havia subido para 145 vezes mais.²⁹ A maioria de nós pensaria que 145 vezes é algo excessivo, mas é o que dizer de 47? Precisamos esclarecer que as Escrituras não fornecem respostas concretas a essa pergunta, mas indicam que a desigualdade não é justificada ou

útil. De maneira importante, deixam claro que a nossa riqueza não é nossa ou o resultado da nossa própria força (Deuteronômio 8:17-18). Além disso, elas nos ensinam que, sob Deus, todos nós fomos criados à imagem dele (Gênesis 1:27) e todos somos iguais perante ele (1 Coríntios 12, Gálatas 3:28 e Colossenses 3:11). Não é surpresa, portanto, que as Escrituras encorajem a redistribuição (Levítico 25 e Deuteronômio 15) e o objetivo de alcançar a igualdade econômica (2 Coríntios 8:13-14).³⁰

3.1.5 Trabalho

O terceiro imperativo bíblico é que o **trabalho** deve ser recompensado adequadamente. O Antigo Testamento está repleto de injunções de que devemos pagar um salário justo e em tempo hábil e tratar bem os que trabalham para nós (Levítico 19:13, Deuteronômio 24:14-15, Jeremias 22:13 e Malaquias 3:5). De fato, no livro de Tiago, os ricos donos de negócios são escoriados por tratarem mal seus ceifeiros (Tiago 5:1-6). Tudo isso representa um desafio significativo para a ideologia que acredita que um salário justo e os direitos dos empregados devem corresponder ao que o mercado exigir. Pode ser difícil determinar com precisão o que é um salário justo ou quão uniforme deve ser a estrutura salarial de qualquer organização, mas está claro que as demandas do mercado não podem e não devem ser os únicos fatores determinantes na tomada de tais decisões.

27 Tanner, p. 179, 2010

28 Para saber mais sobre a Teologia da Generosidade de Tanner, consulte Thacker, seção 2.2.4, 2022.

29 Theos, p. 11, 2021

30 Para saber mais sobre desigualdade e por que ela deve ser abordada, consulte Thacker, seção 2.2.4, 2022.

3.1.6 Ecologia integral

O princípio final a ser delineado é o da **ecologia integral**. É a ideia de que os aspectos sociais, econômicos e ambientais da nossa vida estão entrelaçados. Wangari Maathai explica-nos uma das maneiras como isso é verdade:

*“Na minha maneira de ver as coisas, temos a tendência de colocar o meio ambiente em último lugar porque pensamos que a primeira coisa que devemos fazer é eliminar a pobreza, mandar as crianças para a escola e prestar serviços de saúde. Mas como se faz isso? No Quênia, um dos nossos maiores produtos de exportação é o café. Onde o café é cultivado? Na terra. Para poder cultivar café, é necessário que chova e se tenha acesso a tipos especiais de solo encontrados em encostas. Isso significa que precisamos proteger a terra da erosão para que o solo não seja desperdiçado. Também é necessário ter certeza de que, quando as chuvas chegarem, haja condições de reter a água e fazer com que ela permaneça no solo para que os riachos e os rios continuem escoando e o solo permaneça relativamente úmido para as plantas. Para que haja chuva e rios, é necessário ter florestas, garantir que todas elas sejam protegidas, que não haja extração de madeira, queima de carvão vegetal e atividades que destruam as florestas. Tudo isso realmente precisa ser feito para que se possa cultivar um bom café, gerar renda, mandar as crianças para a escola, comprar remédios, levá-las ao hospital, cuidar das mulheres, especialmente das mães... Não se pode reduzir a pobreza no vácuo. Isso é feito em um ambiente”.*³¹

Essa também tem sido uma preocupação especial do Papa Francisco, que tem escrito com frequência sobre esse conceito.³² **Em termos práticos, isso significa que nós – enquanto governos, empresas ou pessoas – precisamos considerar intencionalmente todos esses aspectos à medida que realizamos nossas atividades no mundo. Os governos não podem mais buscar o crescimento sem levar em conta o seu impacto no planeta, as empresas não podem ignorar os custos ambientais e sociais de seus empreendimentos, as pessoas devem parar de consumir somente com base na maior relação custo-benefício ou a fim de sustentarem seu status social. Todos nós precisamos pensar de forma muito mais integral do que antes.**

“No final das contas, o nosso sistema econômico atual – seja qual for o nome que usemos – precisa de uma reforma substancial.”

3.1.7 Caridade versus justiça

O último tópico a ser mencionado nesta seção é o da justiça estrutural. Tem sido frequentemente apontado que, como cristãos, às vezes nós nos concentramos tanto em atos de caridade (alimentar os famintos, dar abrigo aos desalojados etc.) que não prestamos atenção suficiente às causas fundamentais desses problemas. Uma pessoa entrevistada na África comentou o seguinte:

*“Podemos pegar qualquer passagem e interpretá-la como se Deus estivesse nos chamando para fazer caridade, o que é verdade. Deus chama-nos a agir com bondade quando vemos pessoas em situação de pobreza e, desde que lhes entreguemos as nossas sobras e que nossas consciências fiquem limpas, podemos prosseguir. Mas não notamos que o Senhor está fazendo perguntas mais profundas sobre as causas sistêmicas de como o mundo chegou aonde está. Quando Amós clamava contra as injustiças da sua época, teria sido fácil educar as pessoas no sentido de garantir que aqueles que tivessem mais dessem um par de sandálias para aqueles que não tivessem nenhuma. Mas ele confrontou seus pecados dizendo: ‘Vocês os tratam como se fossem sandálias!’ Que análise profunda!”*³³

Um chamado particular que surgiu nesse espaço é o das reparações. Uma série de organismos internacionais e regionais fizeram dessa questão um aspecto central de suas campanhas relativas a uma agenda descolonizante.³⁴

Em tudo isso, o que importa não é tanto se conseguimos identificar um sistema econômico específico que seja mais bíblico do que outro, mas que abordemos políticas específicas dentro do sistema dominante e defendamos sua reforma de acordo com os princípios bíblicos e teológicos descritos.

No final das contas, nosso sistema econômico atual – seja qual for o nome que usemos – precisa de uma reforma substancial. Começamos a vislumbrar como são essas mudanças políticas na prática. Agora, precisamos examinar como podemos abraçar um novo futuro.

31 Maathai, 2009

32 Francisco, p. 141, 2015 e Francisco, p. 32, 2020. Curiosamente, ele também tem criticado com frequência o culto ao individualismo, apontando a íntima conexão que existe entre os dois conceitos.

33 Anderson e McGeoch, p. 47, 2020. As citações estão em itálico quando são citações diretas dos participantes da consulta.

34 Esse tópico é discutido em muito mais profundidade em Thacker, seção 2.2.5, 2022.

4. Comunidade abundante

4.1 Quem sou eu?

Esta seção – Comunidade abundante – representa o cerne deste relatório. Ela começa desafiando-nos a repensar o que significa ser humano, em especial o que significa ser uma pessoa em comunidade. Nossa sugestão é que, na raiz de nossas crises ambientais e econômicas, está uma noção fundamental equivocada da nossa natureza humana. Essa noção equivocada é produto de alguns pensadores ocidentais em particular e levou-nos a adotar um estilo de vida explorador, aquisitivo, individualista e egoísta. Em contraste, este relatório apresenta a abordagem de uma noção muito diferente da humanidade. Essa alternativa é mais bem resumida no conceito de comunidade abundante. Essas comunidades acreditam que sua identidade é formada em relação a Deus e isso, por sua vez, define seus relacionamentos consigo mesmas, umas com as outras e com o resto da criação. Isso representa uma dinâmica relacional na qual o que importa não é apenas como nos relacionamos, mas quem somos ao nos relacionarmos. Trata-se de uma compreensão diferente de quem sou eu, uma versão ampliada de nós mesmos, que faz com que eu me comporte levando em conta o planeta que compartilhamos, adotando a mentalidade de uma casa compartilhada, em vez de um mercado competitivo. Isso significa que compartilhamos e cuidamos abundantemente, não apenas das nossas riquezas, mas também do nosso poder, voz e vida, pois acumulamos nossas riquezas na vida e no bem-estar do nosso próximo global e no mundo que Deus nos proporcionou. Assim, trata-se mais de uma abundância de amor, esperança e confiança, expressa em relacionamentos, conexões e interdependência, do que de uma abundância de bens. É assim que uma comunidade abundante pensa e age. Apontamos a base bíblica e teológica desse marco conceitual e como suas versões têm permanecido na sabedoria e tradições de muitas comunidades no Sul Global.

4.1.1 Pânico na comunidade

Podemos introduzir essa ideia comparando a teologia (ou mentalidade) da abundância e a teologia (ou mentalidade) da escassez. É importante notar que essas duas abordagens não se referem principalmente à abundância ou não de bens materiais, mas sim principalmente aos valores, atitudes e sistemas de crenças associados a quaisquer bens existentes. Dessa maneira, a teologia de abundância não nega nossos limites ecológicos, mas sugere que a forma como lidamos com os recursos do meio ambiente pode ser muito diferente. O fenômeno das compras motivadas pelo pânico ilustra essas duas abordagens. A mentalidade do comprador em pânico (a mentalidade de escassez) é algo assim:

- Não tenho certeza de que haja quantidade suficiente de algo para todos;
- Preocupo-me com a possibilidade de não ter o suficiente desse item para atender minhas necessidades;

- Portanto, procuro adquirir o máximo possível desse item a fim de atender às minhas necessidades futuras.

Em contraste, o comprador que não está em pânico (com a mentalidade de abundância) pensa assim:

- Não tenho certeza de que haja suficiente de algo para todos;
- Preocupo-me que nem todos tenham o suficiente desse item para atender a todas as suas necessidades;
- Portanto, vou adquirir apenas um desse item (ou até mesmo nem comprar) para garantir que haverá o suficiente para os demais.

4.1.2 Suficiente é o suficiente

O ponto crucial é que a diferença fundamental entre essas duas abordagens não tem a ver com a quantidade efetiva de coisas disponíveis, mas sim com a nossa atitude em relação a essas coisas. **A teologia da escassez diz que temos que consumir e acumular de maneira egoísta; a teologia da abundância diz que podemos compartilhar generosamente.** Assim, a mentalidade da escassez gera o individualismo, o egoísmo, a ganância e a competição que estão assolando nosso planeta – tanto econômica quanto ambientalmente. Em contraste, a mentalidade da abundância gera uma generosidade comunitária e de mãos abertas que fomenta relações de cuidado, tanto um para com o outro como para com a comunidade da criação. Ela representa uma teologia do suficiente, em que uso o que preciso, não o que desejo (Hebreus 13:5). Em sua carta aos Filipenses, Paulo disse que aprendeu a adaptar-se a toda e a qualquer circunstância (Filipenses 4:11). Em Efésios 4:28, Paulo incentiva o trabalho para que “tenhamos o que repartir com quem estiver em necessidade”. O que esses versículos apontam é a rica tradição teológica do “suficiente”. O pensamento econômico contemporâneo diz que nunca devemos estar satisfeitos com o que temos e devemos sempre competir por mais. Deus incentiva-nos a adotar uma dinâmica totalmente diferente.

4.2 Uma antropologia relacional

4.2.1 Ubuntu e viver bem

Os fundamentos bíblicos e teológicos para a ideia de uma comunidade abundante podem ser encontrados em uma maneira diferente de pensar sobre o que significa ser humano – uma antropologia diferente. Essa abordagem continua a existir em muitas comunidades em todo o Sul Global, mas tem sido em grande parte esquecida no Norte Global. Ela pode ser encontrada entre o povo *quechua*, na América Latina, e entre os *blackfeets*, nas Grandes



📍 Pastor Idrissa, em seu sítio, no povoado de Perakuy, Ouarkoye, Burkina Faso, mostra dois mamões papaia cultivados no local.
Foto: Jonas Yameogo/Tearfund

Planícies.³⁵ Ela é evidente no conceito coreano de *Sangsaeng* e, especialmente, na ideia *banto* de *Ubuntu*. *Ubuntu* é a ideia de que “uma pessoa é uma pessoa por conta das outras pessoas”.³⁶ O relatório intitulado *Abundant Africa* descreve-a assim:

“Todos os seres humanos são interdependentes. Nós somos humanos porque pertencemos, participamos e compartilhamos nossa sociedade. Manter a solidariedade social é uma tarefa coletiva. O conceito de Ubuntu se estende ao cuidado dos ecossistemas naturais dos quais somos uma parte totalmente dependente... Ubuntu pressupõe que uma pessoa pode aumentar seus recursos compartilhando-os com outros membros da sociedade, melhorando assim seu status dentro de uma comunidade local. A filosofia Ubuntu dá aos africanos um senso de orgulho, propriedade, compartilhamento e cuidado e nos motiva a nos tornarmos pessoas melhores. Todos são considerados importantes porque pertencem à nossa comunidade. Ubuntu significa que nossa abundância, como africanos, depende da melhoria de nossas comunidades e do meio ambiente e, portanto, sua promoção é essencial para enfrentar a pobreza, os conflitos políticos, a injustiça e os desafios ambientais. Isso pode ser feito mostrando empatia pelos outros, compartilhando recursos e trabalhando de forma cooperativa para resolver problemas em comum.”³⁷

“A questão aqui não é apenas que nós, como indivíduos, devamos nos relacionar bem com outros humanos e com o planeta, mas que nossa própria identidade – como compreendemos a nós mesmos – seja formada pelas nossas relações com os outros e com o resto da criação.”

Ao destacar isso, não estamos dizendo que ninguém consiga viver de acordo com a orientação comunitária característica do pensamento *Ubuntu* no Ocidente, nem que todos na África vivam em harmonia relacional. O individualismo afeta muitos no Sul Global e o comunitarismo tem uma rica tradição no Norte Global.³⁸ No entanto, a mentalidade predominante do Norte Global é, sem dúvida, individualista.

A questão aqui não é apenas que nós, como indivíduos, devamos nos relacionar bem com outros seres humanos e com o planeta, mas que a nossa própria identidade – como compreendemos a nós mesmos – esteja associada e seja formada pelas nossas relações com os outros e com o resto da criação. Algumas das nossas organizações parceiras da América Latina afirmaram que “outras culturas, particularmente as ancestrais, possuem uma visão integral

35 Burkhart, p. 25, 2004

36 Giljam, p. 20, 2021

37 Giljam, p. 20, 2021

38 A comunidade Bruderhof, o movimento monástico, algumas expressões do cristianismo celta e da espiritualidade franciscana são exemplos.

e comunitária da vida. Assim, se a criação é afetada, todas as demais partes são afetadas; e se um ser (vivo ou não) for afetado, toda a criação será afetada”.³⁹ Elas se basearam nos conceitos conhecidos como *sumak kawsay* e *suma qamaña*, da região andina. De acordo com ambas as ideias, só podemos viver bem se os outros também estiverem vivendo bem. A primeira é frequentemente traduzida como “viver bem” e ambas incluem um conceito de comunidade, interdependência, harmonia relacional com a criação e uns com os outros. As organizações parceiras acrescentam: “Precisamos aprender mais sobre o conceito de viver bem como ética de vida dos povos indígenas, que nos desafia a uma vida de comunidade e interdependência, em contraste com o individualismo e a instrumentalização”.⁴⁰

4.2.2 “Somos um”

Biblicamente, a antropologia relacional pode ser encontrada em diferentes partes das Escrituras. Talvez seja mais clara na oração de Jesus, em João 17:21, de que sejamos um, assim como ele e o Pai são um, e na teologia descrita por Paulo em 1 Coríntios 12 e Romanos 12, que faz referência ao corpo. Teologicamente, pode ser encontrada nos relacionamentos trinitários em que Deus é Pai por causa da sua relação anterior com o Filho. É a relação que vem primeiro, não os membros individuais da Trindade, isoladamente uns dos outros. Os teólogos da igreja primitiva usavam a palavra *pericorese*, de origem grega, para descrever essa realidade. Ela significa habitação mútua e inter-relação de cada membro da Trindade. Assim, quando Jesus ora para que sejamos um, assim como ele e o Pai são um, ele está orando para que conheçamos essa realidade e saibamos que nossa própria identidade é formada em comunidade. Isso é mais do que dizer que devemos ter bons relacionamentos uns com os outros – o que, é claro, é verdade. Significa que quem somos encontra-se na comunidade. “Sou porque somos” é como *Ubuntu* costuma ser definido – “individualmente, somos membros uns dos outros” é como o apóstolo Paulo afirmou (Romanos 12:5). Esta é a verdade profunda que precisamos recuperar.

Além do mais, essa identidade comunitária estende-se não apenas a outros seres humanos, mas ao resto da criação. Como exemplo prático disso, o corpo humano é composto de numerosos microrganismos que nos permitem digerir os alimentos, decompondo-os, gerando nutrientes de que necessitamos e neutralizando toxinas que, de

“Em nosso ser estamos integralmente relacionados com o resto da criação, convivemos com essa criação mais ampla, adorando a Deus com a criação, dando glória a Deus junto com a criação não humana, fazendo parte da comunidade gloriosa da criação.”

outra maneira, nos prejudicariam. Nós literalmente não poderíamos viver sem as bactérias em nosso intestino. Mas mais do que isso, somos parte do mundo que nos rodeia. Sim, temos um papel funcional diferente a desempenhar dentro dessa criação, que inclui o fato de sermos criados à imagem de Deus e, assim, representarmos Deus diante do resto da criação. No entanto, essa verdade não nega o fato de que, em nosso ser, estamos integralmente relacionados com o resto da criação, convivemos com essa criação mais ampla, adorando a Deus com a criação, dando glória a Deus junto com a criação não humana, fazendo parte da comunidade gloriosa da criação.

4.2.3 O Espírito de uma casa compartilhada

Tudo isso é obra do Espírito. O Espírito de Deus teve um papel central na criação original mas, também no dia de Pentecostes, Deus não apenas preencheu diversas pessoas com seu Espírito para que, como indivíduos, pudessem sair e pregar o Evangelho de maneira isolada uns dos outros. Em vez disso, o efeito imediato do Espírito foi o estabelecimento de uma nova comunidade que gozava de comunhão, partia o pão, compartilhava seus bens, exercia generosidade e gratidão pela bondade de Deus (Atos 2:42-47). Em resumo, eles construíram novos relacionamentos uns com os outros e com o resto da criação. Daniela Augustine comenta que essa nova comunidade se caracteriza mais pela economia de uma casa compartilhada do que pela economia de um mercado competitivo. Dentro dessa economia de casa compartilhada, “a riqueza da família é a riqueza de todos os seus membros, e os bens materiais são utilizados para o bem comum, já que o bem-estar pessoal flui do bem-estar compartilhado da família em um cuidado mútuo”.⁴¹ Além disso, a identidade dessa nova comunidade não se encontra na acumulação egoísta, mas em permitir que todos floresçam, incluindo o resto da criação.

Portanto, se adotarmos a antropologia completamente relacional e integral que temos discutido, surgirá uma nova estrutura. De acordo com essa abordagem, começamos com o pressuposto de que **a Terra produz recursos suficientes, se não abundantes, para que todos possam prosperar. Reconhecemos que isso só poderá acontecer na prática se nossa posição padrão for a de compartilhar esses recursos.** Nós nos engajamos nesse compartilhamento porque nosso entendimento sobre nós mesmos é de que **somos pessoas em relacionamentos, tanto uns com os outros como com a Terra.** Simplesmente não pensamos que quaisquer recursos que adquirimos nos pertencem somente como indivíduos ou como seres humanos, nem pensamos que o planeta é uma espécie de shopping center, permitindo-nos consumir e acumular o que quisermos. Longe disso, nossa suposição é de que **os bens da Terra fazem parte da nossa casa compartilhada e, portanto, pertencem a todos, incluindo as outras espécies com as quais vivemos.** Nossa única questão é como compartilhá-los no contexto específico em que nos encontramos.

39 Euribe, p. 20, 2020

40 Euribe, p. 137, 2020

41 Augustine, p. 372, 2020. Consulte também Augustine, 2019. Para saber mais sobre a Teologia Pentecostal e sua relevância para as questões de SAE, consulte Thacker, seção 2.3, 2022.

4.3 A teologia da escassez e a teologia da abundância

4.3.1 As raízes da escassez⁴²

Se esses conceitos relacionais parecem incomuns, é apenas porque foi vendida a muitos de nós (especialmente no Norte Global) uma maneira completamente diferente de pensar sobre o que significa ser humano. Essa alternativa não bíblica é a mentalidade individualista e competitiva que temos chamado de teologia da escassez. As origens dessa abordagem podem ser encontradas na tradição filosófica ocidental. Ela começa com a suposição de que o planeta não tem recursos suficientes para que todos possam sobreviver. Ela, então, combina isso com o individualismo ocidental e a mentalidade darwiniana de sobrevivência para gerar uma visão de mundo na qual competimos, como indivíduos, uns com os outros pelos escassos recursos de que precisamos para sobreviver. O fruto desse sistema de crenças é a dominação, a exploração e a competição que caracterizam nossos relacionamentos uns com os outros e com o planeta. É esse sistema de crenças que fomenta a ganância e o consumo excessivo que passou a caracterizar o típico indivíduo ocidental. É também evidente como o capitalismo tem justificado uma relação extrativista com a Terra, na qual o corte ilegal de árvores, a pesca excessiva e a agricultura intensiva têm levado ao desmatamento, à perda de espécies, à erosão do solo e à desertificação em todo o mundo. Tudo isso em vez do cuidado que deveria ter sido o nosso modo de interação.

4.3.2 Escassez e caridade

Esse marco conceitual também pode exercer impacto no modo como alguns no Norte Global pensam sobre a justiça. Eles compreendem que os recursos do mundo são escassos, enxergam aqueles que vivem em situação de pobreza e respondem ao serem movidos pela compaixão. Quando alguém adota as características básicas de uma mentalidade de escassez, a única solução possível é expandir a economia para que aqueles que têm um pouco mais de consciência social, e que ganharam na competição da vida, possam compartilhar um pouco do seu excesso com aqueles que perderam. No entanto, é essencial que tal “generosidade” seja entendida como algo que vai contra nossos próprios instintos naturais de sermos egoístas e competitivos e certamente não questiona o sistema que possibilitou nosso status de vencedores em primeiro lugar. Essa confiança no status quo é equivocada, pois ignora as soluções bíblicas que Deus nos tem dado. Lowery escreve:

“Suposições de escassez e de necessidades e desejos ilimitados são os pilares gêmeos da teoria econômica clássica. Essas suposições fundamentam as decisões econômicas tomadas por empresas e governos, criando um imperativo para o crescimento econômico ilimitado. De acordo com essas suposições, a única resposta humana à pobreza e ao desemprego é expandir constantemente o ‘bolo’ econômico, criando

mais riqueza e permitindo que mais pessoas cortem a sua fatia. Os problemas sociais e ecológicos criados pelo crescimento econômico ilimitado são, de acordo com essa visão, os custos inevitáveis de atender às necessidades da vida de um maior número de pessoas. Os princípios de abundância e autocontenção, característicos do Shabat e do Jubileu, vão contra essas suposições, em grande parte inquestionáveis, da economia contemporânea, e concentram a atenção em uma melhor distribuição, em vez de maiores níveis de produção. O problema não é a escassez, mas a falta de vontade de compartilhar.”⁴³

4.3.3 A abundância bíblica

Embora a teologia da abundância seja evidente em uma série de passagens bíblicas – como em João 10:10, que diz: “Eu vim para que tenham vida e a tenham plenamente” – a passagem de Deuteronômio 15:4-8 talvez forneça o resumo mais claro desse marco conceitual. Esses versículos contrastam fortemente com a teologia da escassez que acaba de ser descrita.

“Assim, não deverá haver pobre algum no meio de vocês, pois na terra que o Senhor, o seu Deus, está lhes dando como herança para que dela tomem posse, Ele os abençoará ricamente, contanto que obedeçam em tudo ao Senhor, o seu Deus, e ponham em prática toda esta lei que hoje estou lhes dando [...] Se houver algum israelita pobre em qualquer das cidades da terra que o Senhor, o seu Deus, está lhes dando, não endureçam o coração, nem fechem a mão para com o seu irmão pobre. Ao contrário, tenham mão aberta e emprestem-lhe liberalmente o que ele precisar.”

Deuteronômio 15:4-8

Essa passagem talvez possa ser resumida dessa maneira:

Não é necessário que haja pobreza,⁴⁴

porque Deus nos concedeu recursos suficientes –

no entanto, isso depende da nossa obediência a Deus:

especificamente, precisamos ser generosos no sentido de compartilhar o que temos.

Dessa maneira, uma comunidade abundante é o resultado e a expressão prática da teologia da abundância. A primeira refere-se ao que vemos – uma comunidade de criação na qual a generosidade é a norma; a segunda refere-se ao

⁴² Para saber mais sobre a Teologia da Escassez, consulte Thacker, seção 3.3, 2022.

⁴³ Lowery, p. 151, 2000. Consulte também Myers, 2001, que se baseou fortemente em Lowery em seu conceito de economia do *Shabat*. Consulte também Brueggemann, 1999, que diz que “o problema central da nossa vida é que estamos separados pelo conflito entre a nossa atração pelas boas novas da abundância de Deus e o poder da nossa crença na escassez”.

⁴⁴ Como a Tearfund tem afirmado repetidamente: “A pobreza não faz parte do plano de Deus”. Não é como Deus pretendia que o mundo fosse.



▣ Uma reunião comunitária no Grande Vale do Rifte, na Tanzânia. Foto: Toby Lewis Thomas/Tearfund

marco conceitual teológico que permite isso, em particular uma antropologia relacional na qual nossa identidade é formada em comunidade. Em contraste com esse paradigma, a teologia da escassez ensina-nos o seguinte:

Sempre haverá pobreza,

porque Deus (ou o planeta) não fornece recursos suficientes –

portanto, se quisermos evitar a pobreza, precisamos acumular de maneira egoísta para nos protegemos.

O argumento que estamos apresentando é que é essa mentalidade de escassez que gera o medo, a ganância e a falta de confiança em Deus que, por sua vez, leva à exploração ambiental e às injustiças econômicas e, como tal, representa a raiz dos problemas que estamos procurando resolver.

Ao dizer tudo isso, é importante reconhecer que a teologia da abundância aceita a natureza finita dos recursos da Terra. Não há nada no conceito de abundância que negue o fato de que, coletivamente, precisamos viver dentro dos limites ecológicos. O conceito de abundância também não deve ser equiparado ao ensino da prosperidade. **A teologia da prosperidade tem tudo a ver com a acumulação excessiva de recursos para a própria pessoa, como indivíduo; o conceito de abundância tem tudo a ver com a forma como prosperamos juntos, como comunidade.** Um paralelo pode ser traçado com a famosa história sobre o maná no deserto. Nesse milagre, Deus concedeu aos israelitas tudo o que eles precisavam para prosperar (Êxodo 16). Entretanto, ele lhes disse especificamente que não guardassem o maná, mas que simplesmente pegassem a quantidade de que precisavam para aquele dia (Êxodo 16:19). Os israelitas desobedeceram e, por isso, o maná estragou. De fato, talvez seja irônico que o único maná que Deus lhes disse

que “acumulassem” foi uma porção simbólica para que eles pudessem mostrar às gerações futuras a generosa provisão de Deus para eles no deserto (Êxodo 16:32). Em outras palavras, somente devemos guardar mais do que precisamos quando estivermos mostrando aos outros que não precisamos acumular!

4.3.4 Ganância humana

Claramente, o que aconteceu com o maná no deserto assemelha-se à maneira como estamos tratando o meio ambiente nos dias de hoje. Deus tem provido abundantemente para todos. Ele até nos deu instruções específicas de como cuidar do meio ambiente. No entanto, ignoramos as orientações de Deus e, por egoísmo e ganância, seguimos no nosso próprio caminho e tentamos consumir e acumular o máximo possível no mundo criado por Deus. Ao fazer isso, o maná estragou e começou a cheirar mal e, assim, vemos ao nosso redor as degradações que resultam do nosso comportamento: destruição de habitats, extinção de espécies, secas, enchentes e incêndios. Contudo, o que faz com que isso seja ainda pior do que o pecado no deserto é que aqueles que mais fizeram para causar esse problema não são aqueles que sofrem suas piores consequências. Nossos irmãos e irmãs no Sul Global estão morrendo porque muitos de nós (especialmente no Norte Global) adoramos o ídolo da ganância.

Em contraste, o conceito de abundância (que aceita a finitude do planeta) não leva aos mesmos comportamentos, exatamente porque sua ênfase está no que precisamos e não em nossa ganância. Isso está claramente ilustrado, não apenas nas Escrituras, mas também na sabedoria de tantas comunidades indígenas que continuam a nos lembrar que o mundo é de abundância, desde que deixemos de explorá-lo de maneira egoísta. Jocabed Reina Solano Miselis, que

é de um grupo indígena do Panamá, conta a história da árvore conhecida como *Balu Wala*. Essa árvore era muito grande e frondosa e, em sua copa, havia uma floresta com animais e plantações de milho, cana-de-açúcar, bananas suculentas e outras culturas. Todos os habitantes da terra podiam ser alimentados com os frutos dessa árvore. Porém, havia pessoas que se apropriavam dos recursos de todos e queriam guardá-los para si mesmas, perturbando a harmonia da vida com sua ganância. Ibeler é um personagem na comunidade gundadule que lutou contra o sistema opressivo do poder, porque sabia que “tudo o que BabaNana havia criado não era para um grupo, mas para todos os filhos de *Olobibbir-gunyai* (Mãe Terra)”.⁴⁵

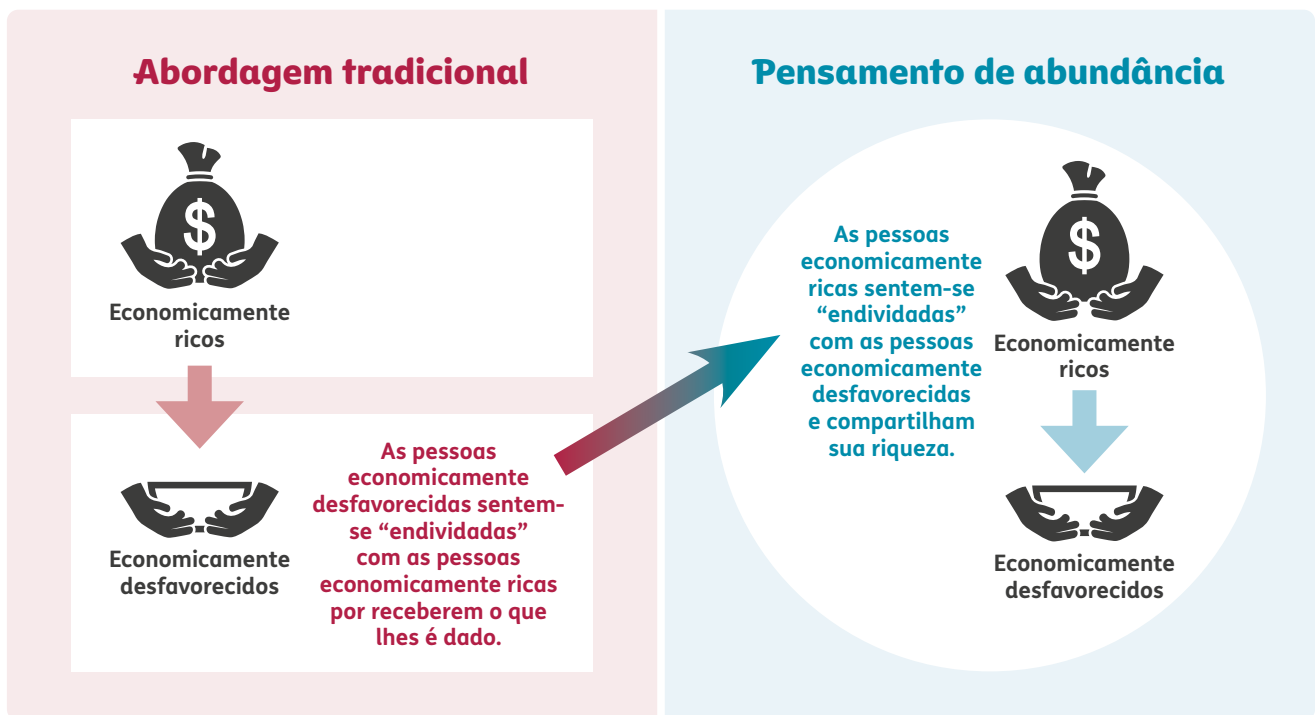
4.3.5 Dar o que se deve

Essa abordagem alternativa em relação aos recursos da Terra reflete-se em outra característica central de uma comunidade abundante e faz com que qualquer redistribuição dos ricos para os pobres não seja uma questão de caridade ou generosidade (como se estivessem fazendo algo especial), mas sim uma prática automática na qual os ricos vivem de acordo com sua identidade em Cristo. Em uma de suas obras do século IV, Santo Ambrósio (340-397 d.C.) disse o seguinte:

*“Você não dá ao pobre o que é seu, mas você devolve o que é dele. Você sozinho se apossa do que foi dado a todos, para que todos o usassem em comum. A Terra pertence a todos, não só aos ricos... Você, portanto, está restituindo algo que é devido, e não dando de presente algo que não é devido”.*⁴⁶

De forma semelhante, ele nos desafiou a guardar nossas riquezas “no coração dos pobres”, “nos seios dos necessitados”, “no lar das viúvas” e “na boca das crianças”. “Essas são as despensas que permanecem para sempre, esses são os celeiros que a futura abundância não destruirá”.⁴⁷ Já observamos que uma característica da vida cheia do Espírito é uma nova comunidade que adota uma mentalidade de casa compartilhada e não de um mercado competitivo. Consideraríamos muito disfuncional uma refeição em família se o pai guardasse a maior parte da comida e, depois, se considerasse generoso ao compartilhar algumas migalhas com sua esposa e filhos. **Uma casa funcional é aquela em que os mantimentos são naturalmente compartilhados e esse compartilhamento é considerado normal. Assim, quando damos caridosamente, não estamos fazendo algo incomum, mas simplesmente devolvendo aos pobres algo que lhes é devido.**

Uma apreciação disso transforma a nossa compreensão do que significa trabalhar em parceria com outras pessoas ao redor do mundo. Quando realmente acreditamos que a nossa riqueza pertence àqueles que são pobres, isso muda a forma como pensamos tanto sobre os doadores quanto sobre os beneficiários. Não é mais o caso de que os ricos estejam doando aos pobres e assim, de certa forma, os pobres estejam em dívida com eles. Ao contrário, ambos estão recebendo de Deus as bênçãos concedidas por ele. A pessoa rica que doa, recebe o privilégio de poder devolver a Deus algo que ele lhe deu primeiro; a pessoa pobre recebe de Deus as dádivas materiais que ele lhe dá. Ambas estão em débito com Deus; nenhuma delas está em débito com a outra.⁴⁸



45 Miselis, p. 76, 2020. *BabaNana* refere-se a Deus como mãe e pai.

46 Ambrósio 12:53. Vários outros pais da igreja fizeram observações semelhantes. Consulte Thacker, seção 3.4, 2022.

47 Ambrósio 7:37

48 Para saber mais sobre a teologia bíblica relacionada a esse ponto, consulte Thacker, seção 3.5, 2022.

4.3.6 Compartilhamento global

Há um episódio maravilhoso no romance *A Bíblia Envenenada*, de Barbara Kingsolver, que ilustra tudo isso. O romance conta a história de uma família missionária ocidental que viajou para a África Central em 1959. Eles enfrentaram dificuldades para se adaptarem à vida no Congo de inúmeras maneiras mas, repetidamente ao longo do romance, um dos aspectos que eles achavam estranho era a forma como os moradores do povoado compartilhavam rotineiramente o que sobrava uns com os outros. A seguinte interação ocorreu entre uma das crianças da família missionária e um professor congolês:

“Quando um dos pescadores, como, por exemplo, Tata Boanda, tem sorte no rio e volta para casa com seu barco cheio de peixes, o que ele faz?”

“Ele canta o mais alto possível, as pessoas aproximam-se e ele doa tudo o que pescou.”

“Até mesmo aos seus inimigos?”

“Acho que sim. Eu sei que Tata Boanda não gosta muito de Tata Zinsana mas, mesmo assim, ele doa o máximo possível às esposas dele... É assim que os congoleses pensam sobre dinheiro.”

“Mas, se alguém sempre doa tudo o que tem, ele nunca será rico.”

“Talvez isso seja verdade.”

“E todos querem ser ricos.”

“É mesmo?”⁴⁹

Nada disso tem a intenção de negar que a escolha por não compartilhar não seja extremamente problemática também no Sul Global, assim como entre o Norte Global e o Sul Global. De fato, algumas das desigualdades mais extremas ocorrem nas capitais do Sul Global, onde há condomínios fechados e cercados com arame farpado ao lado das favelas urbanas.

Semelhantemente, uma comunidade abundante não é uma comunidade que estabelece limites rígidos em torno de si e, assim, compartilha generosamente apenas com os que fazem parte de um determinado grupo local, mantendo-se distante dos que estão fora do grupo. O conceito de abundância não define uma comunidade, mas sim uma atitude. Define uma atitude generosa de partilha, independentemente das fronteiras nacionais, étnicas, locais ou tribais. Isso a distingue de uma simples ética comunitária. Além disso, ela adota essa perspectiva global porque a antropologia na qual se baseia não é nacional, local ou tribal, mas teológica. Ela se baseia no amor incondicional de Cristo, que nos ensinou, na parábola do Bom Samaritano, que, **quando se trata de compartilhar nossas riquezas, não há lugar para rivalidades étnicas**. Uma comunidade abundante pode ser definida geograficamente, mas sua mentalidade e atitude têm características globais e universais.

Além disso, o compartilhamento do qual falamos não diz respeito apenas a dinheiro ou bens, mas também a poder,

informação, acesso e voz. Também diz respeito ao nosso uso de energia. Numerosos comentaristas têm apontado para o fato de que a pegada de carbono média de uma pessoa no Reino Unido é 25 vezes maior do que a de uma pessoa na África subsaariana. A teologia da abundância não nos diz que podemos tratar essa pegada como quisermos: ao contrário, ela nos lembra de que precisamos de um compartilhamento justo e equitativo dos recursos abundantes que Deus nos concedeu. De um ponto de vista ecológico, isso significa que uma assimetria de 25 vezes no que gastamos é injusta e destrutiva. Os cidadãos britânicos precisam limitar muito mais a sua pegada de carbono para que os cidadãos africanos possam fazer mais uso da sua quota de emissões de carbono. Embora seja necessária uma redução geral e significativa das emissões de carbono ao redor do mundo para que se consiga zerá-las, essa obrigação cabe muito mais àqueles que, atualmente e historicamente, gastaram muito mais. É, em parte, por essa razão que as reivindicações no sentido de limitar nossa pegada ecológica devem ser contextualizadas. Há uma necessidade global de chegar a emissões líquidas zero o mais rápido possível, mas precisamos garantir que, ao argumentarmos isso, não demos a impressão de que o Norte Global esteja dizendo ao Sul Global que ele não pode expandir sua economia da maneira necessária para enfrentar a pobreza dentro de suas fronteiras. Portanto, precisamos compartilhar a nossa pegada de carbono de uma maneira muito mais justa e, coletivamente, ter muito mais consideração pela Terra, pois ela é a nossa casa comum que está sendo destruída por causa da nossa abordagem gananciosa em relação à natureza.

4.4 Uma comunidade abundante – algumas implicações práticas⁵⁰

Nesta seção final, expomos algumas das implicações práticas dessa abordagem para as pessoas, as igrejas, as empresas, os governos nacionais, a comunidade internacional e a Tearfund enquanto organização de desenvolvimento.

4.4.1 Para as pessoas:

Ao adotarmos uma nova mentalidade e reconhecermos o nosso mandato bíblico de vivermos como comunidades abundantes, podemos:

1. Não nos apegar às nossas posses. Quando a nova comunidade foi formada em Atos, um dos efeitos imediatos do Espírito foi que “ninguém considerasse unicamente sua coisa alguma que possuísse” (Atos 4:32). Como nossas comunidades seriam transformadas se vivêssemos assim nos dias de hoje?

2. Compartilhar generosamente. Em reconhecimento à nossa condição de membros de uma família, consideramos que a partilha da riqueza material é normal, e não um ato incomum de caridade. Dessa forma, armazenamos nossas riquezas na vida e nos meios de vida dos outros.

49 Kingsolver, 1998

50 Para obter mais detalhes sobre algumas delas, consulte Thacker, seção 3.5, 2022. Consulte também as recomendações em Evans e Gower, p. 23, 2015.



❏ Depois de participar do treinamento oferecido pela Tearfund sobre Transformação de Igrejas e Comunidades, na Igreja CCAP de Chirambi, Hamitoni Banda, de 40 anos, tornou-se um agricultor e proprietário de pequenos negócios. Ele agora compartilha suas habilidades com a comunidade e emprega pessoas locais. Aqui, mulheres da igreja local de Hamitoni, em Salima, na região central do Malawi, são contratadas para colher amendoim. Foto: Marcus Perkins/Tearfund

3. Comprar e investir de forma ética. Substituímos a relação qualidade-preço por uma ética de qualidade-vida e, à medida que compramos e investimos, consideramos os impactos ambientais, a maneira como os trabalhadores são tratados, o comportamento fiscal e a abordagem de direitos humanos das empresas das quais compramos, bem como dos bancos e dos fundos de pensão nos quais depositamos nossos recursos.⁵¹

4. Viver a teologia do suficiente. A ganância é o consumo excessivo ou a acumulação de bens de que não precisamos e contraria a teologia da suficiência, que permite a todos prosperar. Isso significa que não compramos apenas eticamente, mas consumimos menos (pelo menos aqueles de nós que vivem em sociedades que fazem uso intenso de carbono). Não adianta comprar um produto da origem mais ética possível se comprarmos, sem precisarmos, grandes quantidades do produto.

5. Pensar globalmente. O Reino de Deus não conhece fronteiras. Por isso, pensar globalmente significa que consideramos como próximo o trabalhador que monta as peças de roupa que compramos, provenientes de outros países, as pessoas que vivem em ilhas cujo território está ameaçado pela elevação do nível do mar, o país que compete com o nosso, o grupo político ou étnico diferente do nosso, assim como o amigo da casa vizinha. Todos eles fazem parte da família com a qual compartilhamos.

4.4.2 Para as igrejas:

6. Ensinar uma teologia relacional. Para aqueles que vivem no Norte Global, especialmente, precisamos reconhecer que estamos circundados por uma cultura de individualismo. Isso significa que, a menos que apresentemos explícita e intencionalmente um ponto de vista alternativo, essa é a mentalidade que adotaremos. Portanto, as lideranças das igrejas têm a responsabilidade de utilizar os ricos recursos bíblicos que nos mostram que uma maneira alternativa de pensar é possível.

7. Praticar a vida relacional. Algumas igrejas criaram bancos de recursos em que diversas coisas, desde roupas e ferramentas elétricas até berços, são centralizados e compartilhados livremente entre seus membros. Trata-se de fomentar a cultura do “nós”, em vez de uma cultura do “eu”.

“As igrejas também podem demonstrar sua solidariedade com a igreja ao redor do mundo, combatendo sua própria pegada de carbono e compartilhando generosamente a sua riqueza.”

⁵¹ Ethical Consumer (www.ethicalconsumer.org) é um excelente recurso para ajudar em relação a isso.

8. Dar exemplos de práticas comerciais alternativas.

As igrejas podem desempenhar um papel fundamental na demonstração de uma maneira diferente de fazer negócios. Elas podem ajudar a estabelecer jardins ou hortas comunitárias, cooperativas de crédito e de outras naturezas, bem como empresas sem fins lucrativos (por exemplo, cafés, creches e moradias alternativas).

9. Viver em abundância. As igrejas também podem demonstrar sua solidariedade com a igreja ao redor do mundo, combatendo a sua própria pegada de carbono (por exemplo, por meio do programa Eco-Igreja, ou Igreja Ecológica) e compartilhando generosamente sua riqueza (por exemplo, por meio de doações).

4.4.3 Para o setor comercial:

Reconhecemos a contribuição das empresas na geração de empregos e no impulsionamento da economia. Também reconhecemos que o desenvolvimento econômico exige que as comunidades locais tenham um forte senso de autonomia e empreendedorismo, a crença de que podem traçar seu próprio caminho para sair da pobreza e que não são meramente dependentes de apoio externo. Dito isso, também estamos preocupados com o aumento da desigualdade e o fracasso de muitas empresas em dar conta dos custos ambientais de suas operações. Portanto, encorajamos as empresas a levar a sério as pessoas, o planeta e o lucro:

10. Tratar as pessoas de forma justa. Isto inclui o pagamento de um salário justo, apoio aos direitos dos trabalhadores, responsabilidade pelas cadeias de suprimento e condições de vida dos trabalhadores nelas existentes. Inclui também uma expansão significativa das formas de propriedade mútua e cooperativa das empresas.

11. Proteger vidas e o planeta. As empresas precisam reconhecer e, então, abordar os custos ambientais de suas atividades. Esses fatores externos têm sido rotineiramente ignorados e muitas empresas têm se engajado no ambientalismo de fachada sem prestar atenção seriamente ao impacto de suas atividades sobre o planeta e as pessoas cuja vida é afetada.

12. Distribuir lucros. Reconhecemos a necessidade de muitas empresas de gerar lucro se quiserem ser sustentáveis. Entretanto, elas precisam considerar o tamanho desse lucro e quem se beneficia com ele. A maximização do valor para os acionistas não deve mais ser sua única preocupação. Os lucros precisam ser reinvestidos a fim de gerar mais empregos e servir as comunidades das

quais elas se beneficiam. Entretanto, esse investimento comunitário não pode ser usado para esconder ou disfarçar um comportamento antiético em outra parte da corporação.⁵²

4.4.4 Para os governos:

13. Enfrentar a emergência climática. Esse enfrentamento envolve um processo sistemático para descarbonizar e fomentar uma economia circular. Também inclui governos ocidentais que fornecem níveis adequados de financiamento climático a países de baixa renda. Isso foi prometido em 2009 para ajudar a pagar por perdas e danos, mas também para financiar o trabalho de adaptação à mudança climática. Até agora, ainda não foi alcançado.

14. Redistribuir fundos. Essa redistribuição pode ser alcançada por meio de níveis adequados de previdência social, pelo perdão da dívida dos países do Sul Global e, especialmente, de reformas nos impostos, tanto dentro dos países como entre eles. Os governos do Norte Global precisam levar a sério os pedidos de fundos de reparação pelas atrocidades passadas e presentes, e o governo do Reino Unido deve restabelecer o compromisso de ajudar com 0,7% do PIB.

4.4.5 Para a Tearfund:

15. Reformular o problema. Tradicionalmente, o problema a ser tratado tem sido a pobreza, para a qual os cidadãos do Norte Global têm a solução. Em vez disso, precisamos aceitar que grande parte do problema está na mentalidade do individualismo e da ganância, para os quais uma solução pode ser encontrada na antropologia relacional que está incorporada em numerosas comunidades do Sul Global. Como dizem nossos parceiros africanos, “o problema teológico a ser abordado não é a escassez em relação à economia e ao meio ambiente, mas a ganância. A ganância faz com que as pessoas fiquem pobres. A ganância destrói o meio ambiente”,⁵³ ou, nas palavras de Paulo: “pois o amor ao dinheiro é a raiz de todo tipo de mal” (1 Timóteo 6:10).

16. Expandir a partilha de riquezas. Trabalhando lado a lado com nossos programas de mobilização comunitária, precisamos voltar a analisar iniciativas como as transferências de dinheiro, em que a riqueza de uma parte do globo é compartilhada incondicionalmente com nossos parceiros em outros lugares. Isto poderia ser uma expressão direta do que significa viver como uma comunidade global abundante, na qual reconhecemos que os recursos dos ricos realmente pertencem aos pobres.

52 Recentemente, foi relatado que a Domino's, uma rede de pizzarias britânica, gastou US\$ 50 milhões em anúncios promovendo um subsídio comunitário de US\$ 100 mil. <https://metro.co.uk/2022/02/10/dominos-spent-50m-on-ads-about-giving-100000-to-local-businesses-16087579/>

53 Anderson e McGeoch, p. 45, 2020

5. Conclusão

Esse relatório tinha grandes ambições. Ele começou como uma série de consultas na África, Ásia, América Latina e no Norte Global, com o objetivo de desenvolver um marco conceitual teológico global em relação à sustentabilidade ambiental e econômica.

Descobrimos, durante o processo, que não existe uma solução simples para os desafios que todos nós enfrentamos. As questões são complexas, muitos de nós somos cúmplices no problema e, mesmo se identificássemos a solução certa, somos criaturas imperfeitas, que quase certamente se equivocariam com a sua implementação. Diante disso, este relatório não pretende fornecer a solução teológica para a sustentabilidade ambiental e econômica. Ele também não pretende cobrir todas as questões teológicas (e muito menos ambientais e econômicas) que nos interessam ao considerarmos esses desafios.

Em vez disso, o que temos feito é chamar a atenção para uma noção teológica central que foi destacada pelas nossas organizações parceiras no Sul Global, que tem profundas raízes bíblicas e teológicas e que vai ao cerne da confusão ambiental e econômica na qual nos encontramos enquanto comunidade global. Não estamos dizendo que o conceito de comunidades abundantes é a única questão relevante: estamos apenas afirmando que essa é uma questão central e importante que merece mais consideração.

Estamos argumentando principalmente que precisamos adotar uma compreensão diferente do que significa ser humano. O Ocidente tem sido assolado por uma visão de mundo na qual vivemos em um ambiente escasso como indivíduos em competição. Essa abordagem está acabando conosco e com o planeta; ela não oferece nenhuma

“Esse mundo e todas as pessoas que nele vivem representam o nosso lar e a nossa casa compartilhada. Isso nos leva a viver com generosidade e a compartilhar, não porque estamos dando caridosamente, mas simplesmente porque essa é a nossa família.”

esperança para o futuro; ela nega nosso próprio ser, pois a verdade é que fomos criados como seres relacionais cuja identidade deve ser encontrada em Deus e, portanto, em comunidade – uns com os outros e com o planeta. Quem somos não pode ser definido isoladamente uns dos outros ou de Deus. Ao contrário, quem somos só pode ser definido em termos da nossa adoração a Deus, nosso amor por nós mesmos e pelos outros e nosso cuidado com e pelo planeta.

Com tal antropologia reformulada em ação, reconhecemos que esse mundo e todas as pessoas que nele vivem representam o nosso lar e a nossa casa compartilhada. Isso nos leva a viver com generosidade e a compartilhar, não porque estamos doando caridosamente, mas simplesmente porque essa é a nossa família. Essa abordagem pode não resolver a crise climática ou a injustiça econômica por si só, mas, se nós, enquanto cristãos, a colocarmos em prática em muitas comunidades locais e globais abundantes, será possível que apenas apontemos o caminho para aquele que, em última instância, pode resolver tudo isso – o Salvador de todos.



Hom Bahadur Dhal Magar, de 69 anos, em sua plantação de tomate em um povoado próximo a Nawalparasi, no Nepal.
Foto: Chris Hoskins/Tearfund

6. Bibliografia

Para obter a bibliografia completa, consulte o relatório completo nesta página web: learn.tearfund.org/abundant-community

Algumas das fontes citadas são documentos da Tearfund que não foram publicados. Para solicitá-los, envie um e-mail para publications@tearfund.org

6.1 Documentos da Tearfund

Consultas regionais:

ANDERSON, Valerie; McGEOCH, Graham. *Exploring theologies of environmental and economic sustainability in Africa*. Teddington: Tearfund, 2020.

EURIBE, Pilar. *Construction of a theological framework for environment, economy, and sustainability in Latin America and the Caribbean*. Teddington: Tearfund, 2020.

SAXENA, Samuel. *Environmental and economic sustainability (EES) theological research: Asia*. Teddington: Tearfund, 2020.

THEOS. *Global North regional environmental and economic sustainability (EES) theology paper*. Teddington: Tearfund, 2021.

Outros documentos da Tearfund:

ANDERSON, Valerie; McGEOCH, Graham. *Environmental and economic sustainability: Notes on theology: Asia, Middle East, Europe & North America*. Teddington: Tearfund, 2020.

BUYS, Clark. *Prosperity gospel theology: Good News for the poor?* Teddington: Tearfund, 2020.

EVANS, Alex; GOWER, Richard. [The restorative economy](#). Teddington: Tearfund, 2015. ([Resumo traduzido para o português](#))

HUGHES, Dewi. *Tearfund and the church*. Teddington: Tearfund, 2011.

KENDAL, Julia. [Por que defender e promover direitos em relação ao lixo, aos resíduos e à economia circular?](#) Teddington: Tearfund, 2017.

LING, Anna; SWITHINBANK, Hannah. [Understanding poverty: restoring broken relationships](#). Teddington: Tearfund, 2019.

LIU, Liu; SIMPSON, Nick. [Building a sustainable future: environmental and economic sustainability: A practical guide](#). Teddington: Tearfund, 2019.

NJOROGE, Francis. [Church and community mobilisation process: Facilitator's manual](#). Teddington: Tearfund, 2019.

SWITHINBANK, Hannah. [Tearfund's theology of mission](#). Teddington: Tearfund, 2016.

TEARFUND. *Theology of the care of creation*. Teddington, 2012.

TEARFUND. [Breve introdução à missão](#). Teddington, 2016.

TEARFUND. [The World Rebooted](#). Teddington, 2020.

TEARFUND. *Overcoming poverty*. Teddington, 2005.

THACKER, Justin. *Abundant Community Theology: Working towards environmental and economic sustainability (EES)*, 2022.

WATSON, Joanna. [Kit de ferramentas de Advocacy](#). 2ª. ed. Teddington: Tearfund, 2015.

6.2 Obras gerais citadas

AMBRÓSIO, SANTO. *A história de Nabote*.

AUGUSTINE, Daniela C. *The Spirit and the Common Good: Shared Flourishing in the Image of God*. Grand Rapids, MI, EUA: William B. Eerdmans Publishing Company, 2019.

AUGUSTINE, Daniela C. Theology of economics: Pentecost and the household of the Spirit. In: VONDEY, Wolfgang (ed.). *The Routledge Handbook of Pentecostal Theology*. London: Routledge, 2020.

BRUEGGEMANN, Walter. [The Liturgy of Abundance, The Myth of Scarcity](#). Christian Century (de 24 a 31 de março), 1999.

BURKHART, Brian Yazzie. What coyote and thales can teach us: An outline of American Indian epistemology. In: WATERS, Anne (ed.). *American Indian Thought*. Hoboken, NJ, EUA: Wiley-Blackwell, 2004.

CHRISTIAN, Jayakumar. *God of the Empty-Handed*. MARC. Monrovia, CA, EUA, 1999.

FRANCISCO. [Laudato si: Sobre o cuidado da casa comum](#). Carta Encíclica. Roma, 2015.

FRANCIS; IVEREIGH, Austen. *Let us Dream*. London: Simon & Schuster, 2020.

GILJAM, Miles et. al. [Abundant Africa: our decade to shape the African century](#). 2021.

KINGSOLVER, Barbara. *A Bíblia envenenada*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

LOWERY, Richard. *Sabbath and Jubilee*. St Louis, EUA: Chalice Press, 2000.

MAATHAI, Wangari. '[Worldchanging Interview: Wangari Maathai](#)'. *Environment and political news weblog*, 2009.

MANGALWADI, Ruth; MANGALWADI, Vishal. *The Legacy of William Carey: A Model for Transformation of a Culture*. Nova Delhi: Good Book, 1993.

MARCHANT, Jo. '[Poorest Costa Ricans live longest](#)'. *Nature*, 3 set. 2013.

MARTÍNEZ, Franzoni J.; SÁNCHEZ-ANCOCHEA, Diego. *The Quest for Universal Social Policy in the South: Actors, Ideas and Architectures*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

MISELIS, Jocabed. An mar Nega (Our Home). In: SWITHINBANK, Hannah; MURANGIRA, Emmanuel; COLLINS, Caitlin. *Jubilee: God's Answer to Poverty?* Oxford: Regnum, 2020.

MYERS, Ched. *The Biblical Vision of Sabbath Economics*. Tell the Word. Washington, DC, EUA: Church of the Saviour, 2001.

SMIRTH, Kirk R. Symposium. Mitigating, adapting, and suffering: how much of each? *Annual Review of Public Health*, v. 29, p. 11-25, 2008.

TANNER, Kathryn. '[Economy of Grace](#)'. *Word & World*, v. 30, n. 2, p. 174-18, 2010.

VALERIO, Ruth. *Saying Yes to Life*. Londres: SPCK, 2020.

WHITE, Lynn. '[The historical roots of our ecological crisis](#)'. *Science*, v. 155, p. 1203-1207, 1967.

6.3 Websites:

<https://blog.arocha.org/>

www.ethicalconsumer.org

www.happyplanetindex.org/

“O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente.”

João 10:10

learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ publications@tearfund.org

Sede registrada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE. Registrada na Inglaterra sob o n°: 994339. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente n° 265464 na Inglaterra e no País de Gales e n° SC037624 na Escócia. J729-BR-P (1222)

tearfund